

O resgate do corpo no pensamento comunicacional

Monica Martinez

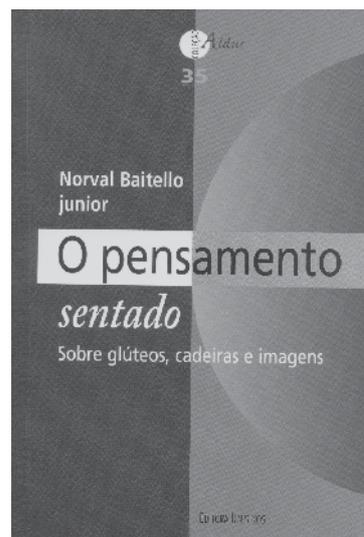
Em 1972, o jornalista, escritor e cientista social alemão Harry Pross (1923-2010) pronunciou uma frase pequena, mas que teria uma influência enorme no contexto da Teoria da Mídia e da Cultura proposta pelo pesquisador brasileiro Norval Baitello junior: “A Comunicação começa no corpo e nele termina”. No artigo “Corpo e Imagem: Comunicação, Ambientes e Vínculos”, um capítulo escrito para o livro *Os Valores e as Atividades Corporais* (Summus, 2008), Baitello lembra que nas décadas seguintes Pross, mais preocupado em investigar a relação entre a esfera política e a mediática, não se aprofundaria na ideia lançada. Algo como o linguista suíço Ferdinand Saussure (1857-1913) tinha feito antes ao ressaltar a importância dos estudos semióticos sem, contudo, ele mesmo dedicar-se a realizá-los.

Quase meio século depois, esta ideia de que os estudos de comunicação baniram o corpo do processo é um dos alicerces do novo livro de Baitello, *O Pensamento Sentado: Sobre Glúteos, Cadeiras e Imagens* (Unisinos, 2012). Ao longo das páginas, aliás, pode-se dizer que o corpo não foi apenas banido da esfera mediática, mas, paradoxalmente, dos estudos da área e, num certo sentido, da contemporaneidade como um todo. Forte demais? Talvez não. Experimente ler de cócoras o livro, que nem é tão grande assim (são 149 páginas no jeitoso formato 18,5 cm x 12,5 cm.). Se for difícil demais, puxe pela memória o último evento científico de que você participou, aquele número sem fim de horas sentado, uma lembrança dos primeiros anos escolares, em que o corpo queria brincar, leve e solto, e os ritos educacionais o forçavam a uma rigidez artificial. O sedentarismo, infelizmente, é sim das características da civilização contemporânea.

O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens

Norval Baitello Jr.

Porto Alegre:
Editora Unisinos, 2012. 149 p.



A partir deste pressuposto, Baitello discorre, com a habitual prosa elegante, espirituosa, por vezes irônica *comme il faut* e, não raro, poética, sobre a domesticação da cabeça pensante e da vida. Como ele mesmo diz:

O presente livro pretende ser um ensaio de piruetas e saltos mortais de ideias em torno do tema das ideias sentadas (não quero dizer assentadas ou consolidadas, mas quero dizer mesmo acomodadas, preguiçosas, sedentárias, que perderam a agilidade, a mobilidade, a capacidade de contra-atacar ou mesmo de se defender) e suas possíveis razões. Por isso não estranhe o leitor quando saltarmos de um assunto a outro sem estabelecer uma ponte de passagem (Baitello jr., 2012: 15).

Para alguns leitores, que estudaram com afinco em compêndios clássicos, daqueles com começo, meio e fim – onde às vezes havia páginas e páginas sem um ponto final –, esta aparente falta de lógica pode ser incômoda. Contudo, experimente ler alguns dos breves capítulos em uma aula de graduação e você verá olhos brilhando na sala de aulas.

Este formato do livro, com capítulos de uma ou duas páginas, tem o poder de comunicar de forma extraordinária com os jovens atuais – é como se eles falassem a mesma língua. Afinal, este formato de pensamento sem fio emula a própria gênese do pensar e do falar, sobretudo em tempos digitais.

Com isso, não se quer dizer que os textos sejam frágeis, superficiais. Ao contrário. Experimente, agora, ler o mesmo capítulo – ou outro a sua escolha – numa aula de pós-graduação. Como um bom molho que ficou reduzindo por muito tempo, estão ali, em poucas linhas, pérolas do pensamento comunicacional que levaram décadas para serem arredondadas. Trata-se, portanto, de uma feliz inovação: um texto versátil, como que planejado em camadas de conhecimento, permitindo ao aluno absorver o que é possível naquele momento de sua trajetória acadêmica. Simples e sofisticado ao mesmo tempo, algo difícil de fazer e, paradoxalmente, muito próximo da boa literatura.

Aqui e ali, semeadas entre as ideias, as referências teóricas apresentadas de uma forma quase ensaística, sem o formalismo (por vezes excessivamente pesado) da academia. Notam-se, de forma consistente, os pilares do pensamento da teoria da mídia de Norval Baitello junior. É uma pena que as breves biografias, da página 143 a 146, contemplem apenas algumas das influências do autor, como o historiador de arte alemão Aby Warburg (1866-1929), o sociólogo do corpo Dietmar Kamper, o teórico da mídia alemão Harry Pross (1923-2010), o psicólogo estadunidense James Hillman (1926-2011), o filósofo japonês Tetsuro Watsuji (1889-1990) e o judeu tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) – teórico do qual Baitello é o principal especialista no país.

Além deste quadro teórico principal, talvez tivesse valido à pena incluir também a minibiografia de outros pensadores, como o antropólogo estadunidense Ashley Montagu

(1905-1999), e certamente, o etólogo francês Boris Cyrulnik (1937), com seu conceito de resiliência, e o historiador de arte medieval alemão Hans Belting (1935), com seu importante conceito de imagens endógenas e exógenas. A lacuna provavelmente deve-se à questão de espaço – ah, sempre ele, o espaço –, mas por meio deste adendo final é possível conhecer melhor a contribuição ao referencial teórico da pesquisa em comunicação nacional proporcionado por Baitello, em particular no contexto dos estudos germanófilos. Convém ressaltar que Baitello não fala da boca para fora nem está se apoiando em conhecimento livresco quando defende o conceito de comunicação como vinculação. As suas referências, ou melhor, vinculações acadêmicas, foram construídas ao longo de uma vida de dedicação a criar pontes com a comunidade científica internacional, em particular a alemã, onde ele fez o doutorado na Universidade Livre de Berlim. Dada à natureza mapeadora da obra, valeria a pena também um breve índice onomástico que permitisse registrar a contribuição dos diferentes pensadores ao longo dos capítulos.

Para finalizar, este pequeno livro talvez aponte o caminho do meio entre os compêndios restritos a acadêmicos e as obras de divulgação científica. Até para não correrem o risco de ficarem confinadas às bibliotecas empoeiradas, visitadas cada vez com mais parcimônia por estudantes, docentes e pesquisadores da área de Comunicação Social. Bonito, prático, fácil e, ao mesmo tempo, profundo de ler, graças às suas múltiplas camadas, este tipo de livro poderia ser a ponte vinculadora entre leigos e expertos no assunto.

(resenha recebida out.2012/ aprovada dez.2012)

Monica Martinez, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutorada pela Umesp, é docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso.